

RELIGIÃO E PÁTRIA.

PÉRIODICO RELIGIOSO, POLÍTICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 27

DOMINGO 26 DE ABRIL DE 1863

1.ª SERIE

GUIMARÉS 25 DE ABRIL.

A UNIFICAÇÃO DA ITALIA.

V

A onda revolucionaria agitava-se por toda a Italia, e as ceuzas estavam dispostas por tal modo que já se previa como inevitavel uma guerra imminente.

Nenhum dos principes da Italia, exceptuando o rei do Piemonte, havia transigido com os revolucionarios, nem estavam resolvidos a curvar-lhes a cabeça, e por isso haviam sido julgados despotas e tyrannos no tribunal supremo da revolução, e como taes condemnados na perda de seus estados e a irem procurar azylo em terra estranha.

D'este juizo, e d'esta soberana resolução, não foi isempto o Summo Pontifice, o Chefe visivel da Igreja Catholica, entre o qual e os revolucionarios é absolutamente impossivel toda e qualquer transacção.

Os revolucionarios porém não contavam já só comigo e com os elementos que tinham dentro da Italia. Contavam tambem com o poderoso auxilio de Luiz Napoleão, que, não sabemos se movido pelo terror das bombas á *Orsini* e de outras tentativas de assassinato contra sua pessoa, se fascinado por alguma promessa d'elles, não se recusou a coadjuval-os nos seus projectos, para a execução dos quaes esperavam somente occasião opportuna.

E esta com effeito chegou. O governo d'Austria entendeu que não devia ser estranho ao que se proje-

ciava na Italia, mesmo porque no juizo da revolução estava incluído o territorio Lombardo Venesiano, pelo que se resolveu a contrariar as pretensões dos revolucionarios.

Ninguém dirá que este governo procedeu inconsideradamente, que foi infiel aos verdadeiros principios da politica, e que não respeitou os direitos internacionaes, pois que prestando ao governo Piemontez toda a consideração, que por dever e justiça deve existir entre os governos dos diversos estados, lhe fez ver que não devia dar ao a revolução.

Em vão foi dado este passo, porque o governo Piemontez, já identificado com a revolução, a nada attenderia, nem se resolveria a recuar no seu proposito para não ficarem infructiferos tantos esforços que haviam sido empregados para chegar-se ao appetecido exito das pretensões dos revolucionarios. Não devia ser de esperar tanta indiscrição da parte do governo piemontez, mas, houve-a; e neste caso a consequencia foi recorrer-se ao poder das armas.

Accendeu-se o facho da guerra com a maior força possivel, e o seu clarão fez manifesto o momentoso projecto dos revolucionarios. Não era só contra as forças do governo piemontez que a Austria tinha de lutar, mas sim contra um exercito de revolucionarios em numero abundante, cujo chefe era Garibaldi, e mais contra um forte exercito francez com o qual o seu se encontrou face a face nos campos da Lombardia, aon-

de nos poucos combates, que houve, foi sobremaneira avultado o numero dos que pereceram.

Em quanto que aqui os combates entre as forças regulares se succediam uns aos outros, a revolução levantava o grito nos ducados de Medena, Parma e Toscana, e proclamava extincta a autonomia e independencia d'estes povos, e arrebatava aos estados da igreja uma das suas provincias, denominada — Emilia.

E não se diga que estes actos foram a expressão livre da vontade dos povos d'aquellas localidades, pois que nós ducados se via a frente do movimento o principe Napoleão sobrinho do Imperador dos francezes, e genro de Victor Manoel, e na Emilia foi a revolta promovida pelo Conde Pepoli que se revoltou em Bolonha.

Tambem não faltou o concurso do dinheiro para se operar o grande movimento italiano, e para prova d'isto, basta-nos dar publicidade a um extracto do sessão do parlamento de Turim de 24 de Novembro do anno preterito, na qual o proprio Conde Pepoli, então ministro de Victor Manoel fez uso da palavra para justificar o seu collega Ratazzi, — presidente do conselho de ministros, e attenda-se bem no que elle exprime, que em abono da verdade cremos ser confissão sincera.

«O ministro Pepoli querendo defender Ratazzi — O honrado Cesare incorreu em um gravissimo erro, dizendo que o governo do rei não garantiu o em-

FOLHETIM.

CONFERÊNCIAS RELIGIOSAS

RECITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIS

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

1.ª CONFERENCIA.

(Continuado do n.º 26.)

Aquillo que mais intimo vos e, fica-vos mais escuro, e o que vos é mais — eu — é o mais descoberto ao vosso — eu — !! Porque meos secretos da alma ao vosso corpo? E como é que sendo o corpo tão differente da alma, lhe obedece?!

Porque arte a materia cega, inintelligente e surda entende os preceitos do espirito? Aonde vae a materia buscar esse espantoso poder de executar as ordens da alma com uma rapidez tal, que nem mesmo a electricidade nos revela o prodigio?

Quem explica a milagrosa simultaneidade entre o acto imperativo da vontade, que ordena, e entre o movimento organico da materia, que executa?

E o vosso pensamento, Srs!, isto é, o acto o mais claro e o mais intimo da vossa alma, podeis penetrar no seu mysterio? O' maravilha! Este pensamento se vos intima com a vossa propria consciencia!

Depois de todas as vossas negações e de todas as vossas ruinas philosophicas, em despeito do scepticismo que vos persegue ainda na mais extrema pressão da certeza, bom ou mau grado vosso, no meio do naufragio das verdades, que parece ficarem esmigalhadas em vós e em torno de vós, sois forçados a exclamar, oppressos pelo imperio fatal da certeza

subjectiva; eu penso, sou um ser pensante, e porttuis que façam todos os scepticismos para abalar em mim este ultimo fundamento, sinto que nada é capaz de me arrancar este granito da minha certeza.

Sim, mas este pensamento, que vos deslumbra com a sua claridade, podeis acaso comprehendel-o? Esta intelligencia, que produz o seu pensamento, como o sol os seus raios, esta intelligencia, isto é, este olhar aberto sobre o intelligivel, esta vista de um mundo inteiro de realidades fatalmente inacessivel á vida puramente animal, que ha para nós todos de mais mysterioso, mesmo quando em vós uns aos outros reciprocas claridades e mutuas luzes? Que digo, Srs! a palavra humana, a palavra, esta brilhante mensageira do pensamento; ah! que mysterio não é esta palavra, que parece querer afugentar com o seu brilho todos os mysterios?! Esta mesma palavra, que eu vos endereo, e que vós estaes ouvindo, ser-me-hia possivel dizer-vos os seus enigmas, ou poderíeis vós entendel-os?

Como, por meio de um som, vae uma alma achar almas para as tocar e para as penetrar, e para as abraçar, e para as aniquilar nas emoções da mesma verdade, que unindo-se a todos se une a cada um e que parece fazer de tantas intelligencias uma só intelligencia e de tantas almas uma só alma? . . . Dizei-me, Srs!, quem ha ahí que possa, n'este fraco som escapado de labios humanos, crear uma tal communicação das intelligencias, uma tal attracção das almas, e algumas vezes um tal estreitar de corações, que se encontram no amor ao mesmo passo que os espiritos se encontram na verdade?

Este som da palavra, cuja materialidade é já um enigma, como se torna o mensageiro do espirito, e o vehiculo da ideia?

Porque arte chegamos nós a tocar-nos, a sentir-nos, e a corresponder-nos na vibração de uma voz estando separados pela distancia como as estrellas

no céu? Comó é que algumas palavras salidas de meus labios chegam a crear entre vós e eu esta communhão intelligente e sympathica, permanecendo ás vossas almas na esfera de vossos corpos fóra da minha alma?

Ah! eu na verdade quero dizer-vos com a palavra o que é o mysterio, e a minha palavra se descobre a mim mesmo como o mais inexcrutavel dos mysterios! Mysterio tão profundo no meio de suas maiores illuminações, que eu ainda o não comprehendo, mesmo quando vós sentis o seu golpe, e o contra-golpe volve a mim proprio.

Que digo? este gesto, que ensaio para melhor vos demonstrar e traduzir o pensamento, este gesto, que segue insensivelmente todos os impulsos, todas as ondulações e todas as transformações da alma, que corrente do pensamento arrasta, este gesto podeis acaso explicar-o?

Esta mão, que estendo sobre vós e que parece querer levar até vós todo o movimento da minha alma, esta mão collocada no extremo limite do meu ser como é que recebe do centro da vida estes impulsos, que vos transmite com uma rapidez que me é incomprehensivel? E este olhar, que sobre vós se abre, para vos enviar os seus raios, e que se illumina com todos os raios, que vem de vós, este volver d'olhos, que melhor do que todos os outros orgãos, tem o singular privilegio de tornar a vida contagiosa, e de arrancar, para as manifestar no exterior, as faiscas e a electricidade das almas, esta vista que sobre vós fixo, e essa vista que vós sobre mim fixaes, o que é se não dois mysterios, que se encontram no meio de duas clarezas?

Páro aqui, Srs!, n'esta rapida revista dos mysterios, que a sciencia encontra sempre na sua passagem; para dizer tudo, fóra mister percorrer a criação inteira. E diante d'estas revelações, que se impõe a razão, como o sol aos olhos, pergunto com dolorosa

prestino, nem subvencionou a Emilia (Para que se sublevasse e annexasse ao Piemonte).

«O empréstimo encontrava grandes difficuldades, e eu não tinha podido achar um banqueiro que se encarregasse d'elle. Vin a Turin e referi os factos taes quaes eram. O rei, generoso sempre a dispor dos seus proprios bens, vendeo o apuro metalico em que estavamos, movido por um impulso que muito o honra, me entregou quinhentos mil francos para aquelle fim *Sensação e movimento em varios sentidos*. Isto succedia em quanto alguns banqueiros, que depois se tornaram ditos patriotas, não quizeram descontar os titulos que lhe offerciamos.

«Eis aqui porque tenho dito que sem os subsidios do Piemonte eu não poderia... (Interrupções vivissimas que estorvaram o orador de terminar a sua frase, dizendo: «annexar ao Piemonte as Romanias»).

«O Presidente — Advertio que o rei da Sardenha não era então o soberano das provincias a que allude o honrado ministro, e por conseguinte o donativo de que o ministro fallou, posto que seja honroso para o principe, não pode ser qualificado de medida adoptada pelo rei (muitas vozes: sim: não)...»

Eis aqui como os revolucionarios justificam a sua obra na Italia. Não é isto para estranhar-se n'elles, porque as suas obras estão em harmonia com o caracter que os distingue.

O que é para admirar é que elles tenham até a ousadia de denunciar o rei como fautor da revolução, e por um modo tão pouco decoroso.

Victor Manoel deve na verdade ser-lhes grato!

AINDA DUAS PALAVRAS A' CERCA DO CRU- SEIRO.

Quem tiver seguido attentamente o curioso debate que tem havido entre nós e o outro papel da localidade, quem tiver prestado uma pouca d'attenção aos ineptos argumentos, com que nos tem respondido a hermeneutica estafada dos *sapientissimos* do «Vimaranense», quem tiver tido a paciencia de ler aquelles estirados artigos, em que se revella muito caracteristicamente a fatua pretença de inculcar uma sciencia, que não têm, e em que a manifestação do amor proprio, offendido corre parellas com um chocalhar de palavras vãs de sentido, facilmente poderá ver, e

surpresa, como pôde o genio da sciencia negar o mysterio?...

Que! regeitar o mysterio em nome da sciencia, quando o mysterio se alevanta e vos desafia da direita para a esquerda, do alto para baixo, do oriente para o occidente de todas as cousas? Que! repellir uma religião, que encerra mysterios, e porque tem mysterios, quando de todos os lados a sciencia topa com o mysterio e se move no mysterio? Que! o mundo está cheio de mysterios, o homem cheio de mysterios, e a religião, que sempre se refere a Deus, a religião, que é o mesmo Deus fallando e obrando na humanidade, não ha-de ter mysterios?

Todos os mundos inferiores vos hão-de apparecer escondendo em trevas impenetraveis suas mais incontestaveis realidades, e o mundo superior a todos mundos, o mundo divino, aonde mora Deus e fica infinitamente elevado acima de tudo o creado, no sanctuario intimo de sua propria vida, este mundo mysterioso por essencia, não ha-de ter para as nossas intelligencias limitadas e nossas vistas obscuras senão claresas sem sombras e visões sem nuvens? Um homem, que pensa — mysterio — um animal, que se move — mysterio — uma planta, que vegeta — mysterio — uma flor, que desabrocha — mysterio — um grão, que germina — mysterio —! Que digo? uma voz, que falla, uma corda, que vibra, uma onda, que corre, uma gota, que cae, menos que isto ainda, um sopro, que passa, um raio, que luz, um athomo, que gravita, o pó, que voa, a claridade, que foge, mysterio; mysterio ainda, mysterio sempre! E ao passo que o homem e a natureza, o sol e os athomos, o espirito e a materia, a terra e o céu, o espaço e a duração, a vida e a morte, vos fazem ouvir esta palavra, que sahe de toda a parte e do fundo de todas as cousas, — mysterio —, vós contemplices de face a religião e com a tocha da sciencia na mão dizeis: «Em nome do progresso das intelligencias e das conquistas do espirito humano, abaixo o mysterio!» De mister é por tanto abraçar o mysterio porque elle por toda a parte vos invade e vos aperta.

deve ter visto, que a questão, tratada assim, como elles a tratam, é impossivel sustentar-se na altura que lhe compete, porque a gente só encontra um disparate ou uma babuzeira em cada argumento dos que têm sido apresentados para nos confutar.

Que se hade, por exemplo, responder a uma babuzeira como a que se segue?

«A camara... merece os vossos elogios. Depositaria fiel das tradições da localidade... respeitou a tradição... mas podia deixar de fazel-o... a utilidade publica (?) é superior á curiosidade dos archeologos... quando, como no presente caso, a tradição é futil...»

Só com uma gargalhada é que se podia responder precisamente a esta disparatada contradicção; porque, ou concordam connosco em que a tradição é respeitavel, e que foi por isso que a camara fez a remoção com solemnidade, ou a tradição é futil, e n'esse caso é d'um grande ridiculo todo esse apparato que nós vimos para solemnizar a remoção do falso monumento, e mais ridiculo ainda é vir-nos dizer o articulista que ella merece por isso os nossos elogios.

Imagitem agora, que todos os argumentos do *Vimaranense* são da lã d'este, e todos moldados no mesmo cadinho, e digam-nos depois, se é possivel uma resposta seria.

Nós portanto julgamos que seria trabalho ingrato e inglorio responder a disparates, que movem o riso ao mais sisudo.

A questão está bem dilucidada; o cruseiro não se devia remover, porque commemorava um feito illustre e glorioso da nossa historia, e a piedade d'um inclyto rei; pela remoção porém perdeu o caracter e a feição historica, que o tornava um verdadeiro monumento.

Passou na camara electiva a proposta de lei do sr. ministro da fazenda, que augmenta a contribuição predial em mais 85:000\$000 rs.

Ha annos, este mesmo partido historico, que agora sustenta o poder, fundado em que o povo não podia nem devia pagar mais, angariou servilmente o nome de 50 mil peticionarios para derrubar o ministerio, que então estava no poder: hoje é esse mesmo partido que, depois de adoptar todas as medidas financeiras do sr. Casal Ribeiro, vem por uma *coheren-*

cia historica, pedir o augmento da contribuição, porque o povo pôde, e deve pagar mais.

As bases em que assenta a proposta de lei para este augmento de imposto são, sobre iniquas, absurdas e illegaes, como foi exuberantemente demonstrado na camara electiva pelos sr. Fontes e Casal Ribeiro, e como tambem o provou o nosso illustrado correspondente de Lisboa.

Nós somos os primeiros a confessar, que a patria se devem os sacrificios da vida, quanto mais os da fortuna; mas para isso é preciso que se demonstre, que a actual receita do estado, sabida e economicamente administrada, não satisfaz a todas as necessidades urgentes da sua conservação e do seu engrandecimento.

Onde está porém provada a necessidade, que justifique o augmento do imposto? Como se demonstrou, que as verbas de receita, longe de serem esbanjadas, antes muito aproveitadas, não chegam para custear a despeza?

Cuidaes acaso, que o suor do povo hade servir para vos dar faustos e magnificencias, enquanto elle geme com a pressão da fome e da miseria?

Habitantes do concelho de Guimarães, já que camara que vos representa no municipio, não cumpre o seu dever, seguindo o exemplo de outras camaras do districto, e de fóra d'elle, que representaram ao Rei a camara dos pares contra o augmento do imposto e sua iniqua distribuição, peticonae vós, representae contra essa iniqua e escandalosa proposta de lei que tira a despojar-vos de mais alguns contos de reis para engordar os ministros e os seus amoncos.

Não percaes occasião de reagir contra os desperdicios, ou antes contra a voracidade d'esse ministrio historico, que, por desgraça nossa, rege os destinos da nação.

Reagi, peticonae, representae, empregae todos os meios que por direito vos cabem, para obstar a esta escandalosa expoliação, e ficae certos, que se assim o não fizerdes, amanhã vos hade esse nefasto ministerio tirar a propria camisa que vestis.

No anteparo da minha igreja vi um edital, que annunciava uma feira no terreiro do Cane d'esta freguezia, por cinco dias, incluindo-se n'elles um domingo. Era meu dever avisar o ex.^{mo} e reverendissimo sr. Arcebispo, e me foi dada a seguinte resposta.

Cousa notavel, são os pontos da paflida, os axiomas, os principios que na sciencia servem para tudo esclarecer, mas o que nos esclarece, nos fica ao mesmo tempo mysterioso. — É a suprema lei da sciencia; o que no exterior derrama mais luz, no interior é mais escuro; o que faz nascer o conhecimento em toda a ordem de cousas, se occulta nos e desconhecido. — É o grande segredo da sciencia do homem, porque é o segredo de Deus na criação do mundo, e o segredo que habita na essencia das cousas.

A geração da sciencia é como a geração dos seres; é em si inexplicavel. Quem pôde penetrar a formação de um corpo, a geração de um athomo? Que existe, eu já não digo no centro de um sol, mas no centro de um athomo? quem sondou até ao fundo o abysmo de um grão de areia?

Srs! a sciencia contempla o grão de areia ha 4.000 annos; volve-o e revolve-o, divide-o e subdivide-o, fatiga-o com as suas experiencias, atormenta-o com os seus calculos para lhe arrancar a ultima palavra da sua constituição intima; pergunta-lhe com uma curiosidade que nunca chega a satisfazer-se «és tu divisivel até ao infinito?» E suspensa sob o este abysmo, a sciencia hesita, tropeça, offusca-se, cae em vertigem e diz por fim «não sei».

E se ignoraes fatalmente o genesis e a constituição intima de um grão de areia, como podereis possuir a intuição da geração de um só ser vivo?

Aonde está no ser vivo o ponto de partida da vida? o começo da vida? o principio da vida? Em todo o ser vivo existe um principio vital; nada mais palpavel, nada mais evidente; a anatomia o suppõe, a fisiologia o suppõe, a philosophia o suppõe; mas onde reside a fonte, de que a vida deriva? de que abysmos sae para se espalhar em todo o ser, este rio, ou este regato da vida que atravessa o ser em todo o sentido? Nada mais obscuro, nada mais desconhecido, nada mais mysterioso. (Continúa)

«Temos presente a comunicação, que em data de 14 d'este mez nos dirige o reverendo parcho de S. Pedro de Azurey em relação á feira annual, que a camara de Guimarães tem annuciado ter lugar na sua freguezia, principiando no dia 2 de Maio.

E' lamentavel a instituição da feira publica em dias santificados — desviem-se os fieis de ouvir a voz de seus pastores, e a muitos da assistencia ao santo sacrificio da missa; mas em todos os tempos se tem praticado esta inconveniencia religiosa, a que nós não podemos obstar, *com quanto o desejemos.*

Admoeste o reverendo parcho os seus freguezes que não anteponham ao religioso dever de assistir á missa conventual e ouvir a voz de seu pastor os negocios ou afazeres temporaes, que hajam de tratar na feira, desviando-se da intemperança e actos illicitos, que n'estas occasiões costumam praticar-se.

Braga 18 de Abril de 1863.

(Com a rubrica de sua ex.^a reverendissima.)

Para que meus freguezes, que não venham á missa conventual, tenham desta veneranda portaria a devida noticia, e meus reverendos collegas na instrução dos fieis a façam conhecer aos que lhe ineprubem o seu ministerio; peço esta publicação, d'onde bem se pôde colligir que se deverao abster de negociações no domingo e antes aproveitar-se do dia precedente e subsequente á publicada feira.

S. Pedro d'Azurey 20 de Abril de 1863.

O parcho F. José Vieira

CORRESPONDENCIA.

Snr. Redactor.

Tendo-se espalhado por essa cidade, e quasi por todo o reino o boato de que n'esta localidade e ribeira de Caidellas os povos pertendiam agitar-se, e pôr-se em acção rebelde ás determinações dos poderes constituídos, cumpre-me declarar, que é absolutamente falso e infundado tudo quanto a este respeito têm dito e espalhado os novelleiros, como muito bem pode certificar o proprio snr. administrador do concelho, que veio no dia 13 do corrente aqui, acompanhado d'um empregado de policia, e que voltou para essa cidade sem encontrar o menor vestigio de sublevação.

Os pacificos habitantes d'esta ribeira das Taipas, queixam-se, e verdade, e com justissima razão, dos enormes desperdícios e esbanjamentos das rendas publicas, que vêem a cada passo fazer-se, vendo que por outro lado os meaos esbanjadores e desperdiciadores procuram preencher a cifra das elevadissimas e desnecessarias despesas do estado, aumentando progressivamente e todos os annos o imposto, sem se lembrarem, que o povo, que vive do seu trabalho, e do seu suor, não pode, nem deve pagar mais; mas apesar disso, os povos d'esta localidade sabem e conhecem que não é de mão armada e em despeito ás leis, que elles devem fazer ouvir as suas justissimas queixas.

Os povos das Taipas sabem e conhecem, que uma rebelião seria a maior de todas as desgraças que poderia pesar sobre elles, porque, vivendo, como vivem do seu trabalho, e das rendimentos das suas casas em tempo de banhos, vêem, que lhe seccariam essas fontes de receita para a sua sustentação, se deitando o trabalho, e levantando-se armados contra os poderes publicos, impedissem por este modo a concorrência dos banhistas.

Já infelizmente o anno passado sentiram estes tristes effeitos, quando os habitantes do concelho da Póvoa de Lanhoso, vindo por aqui, as forçaram a unirse a elles para darem as demonstrações de descontento, que se fizeram em Maio.

Os habitantes pois d'esta ribeira de Caidellas, sem deixarem de se queixar da voracidade pecuniaria, que que ultimamente se tem desenvolvido, e da iniqua e vexatoria distribuição do imposto, sempre crescente, estão innocentes nos falsos boatos que se tem propalado, e só procuram meios de prover á sua sustentação peio trabalho.

Dando publicidade a estas linhas, snrs. redactores, muito obsequiarão o

Seu assignanté e constante leitor

Caldas das Taipas 15 de Abril de 1863.

João Teixeira da Silva.

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Em sessão de 16 de Maio

(Continuação).

O deputado napolitano percorre depois os factos mais notaveis do governo piemontez e examina-os todos debaixo do ponto de visto religioso, politico, e moral.

E chegando aos meios sanguinarios de que se tem lançado mão para segurar a conquista, diz assim:

«Os crimes commettidos, durante esta guerra civil fazem-nos entergonhar da formã humana de que estamos revestidos.

«Nossos concidadãos são fuzilados sem forma de processo, pela simples suspeita de ter dado pão ou abrigo aos insurgentes, ou sobre a accusação simples de um inimigo.

«Os soldados piemontezes levam os prisioneiros ao supplicio, recusando-lhes as ultimas consolações da fé; e a muitos feridos tem-se até recusado o auxilio de um cirurgião, fazendo-os morrer nas horribes torturas do tetano.

«Aprisionaram-se ultimamente em Caserta dois dos chamados brigantes, e tiveram-nos presos dois dias sem lhes dar de comer.

«Os desgraçados pediam em altos brados — pão! pão!... E ninguém lhes respondia.

«Final, abriu-se a porta da horivel masmorra! e quando esses desgraçados correram para ella esperando achar pão, agarraram-nos, levaram-nos aos pães, e fuzilaram-nos.

«Proclamou-se uma amnistia. Entretanto, um camponez de Livardi, chamado Francisco Russo, que tinha sido ferido na illharga, vivia tranquillamente, havia dias, em companhia de sua mulher e filhos, fiado n'essa amnistia.

«Os seus amigos disseram-lhe que se escondesse, e se não fiasse nas promessas de Pinelli; mas elle não quiz ouvir fallar n'isso, respondendo que era impossivel que um militar honrado faltasse á sua palavra.

Ainda estas palavras não eram ditas, e já os soldados piemontezes tinham torado a porta; e prendido o meliz, que conduziram a Nola, e ali o fuzilaram.

«Por convite de um assassino da Communa de Somma, foi alli repetidamente o conde d'el Bosco, e apoderou-se de seis cidadãos pacificos, entre os quaes havia um joven de 20 annos, official da guarda nacional, e casado, havia poucos dias, com uma joven e linda mulher; e fez-o fuzilar a todos na Praça Publica, sem fórma alguma de processo, e sem os soccorros da religião.

«Dada a insurreição de Montefalcione, 50 rebeldes esperavam sobreviver ao MASSACRE, refugiando-se na Igreja; mas os soldados piemontezes arrombaram as portas, penetraram no templo; e os desgraçados foram degolados na propria casa de Deus.

«Por entre os turbilhões de chammas, que devoraram a antiga Pontelandolfo, ouviam-se vozes de mulheres que cantavam a LADANHA, e o MISERERE.

«Alguns officiaes se aproximaram da habitação donde saíam estas vozes, abriram a porta, e viram 15 mulheres, desgrenhadas, e de joelhos, á roda de uma mesa, sobre a qual estava uma cruz, cercada de velas accesas.

«Os officiaes quizeram salvá-as, mas ellas gritaram: — RECUAL MALDITOS! NÃO NOS TOQUEIS; DEIXAI-NOS MORRER SEM MANCHA! As infelizes agruparam-se todas a um canto; e pouco depois o teto abatia, esmagando-lhes os ossos, e deixando-as devorar pelas chammas.

«No dia seguinte ao incendio d'esta villa e ao de Casalduni, uma de 5:000 e outra de 7:000 almas, lemos no jornal Official de Napoles este telegramma:

«Hontem de manhã, fez-se justiça ao romper da aurora, em Pontelandolfo e Casalduni.»

Basta, snr. presidente! Basta de horrores!

Estes factos, e muitos outros, foram communicados ao parlamento italiano por um dos seus membros: o parlamento em vez de inquerir para os averiguar, para stigmatizal-os, punir os seus auctores; obrigou o duque de Modoom a renunciar o seu logar.

E é quando os liberaes honestos da Italia viram as costas horrorisados, á revolução, que se ousa pedir-nos aqui que nós liguemos a ella por laços estreitos e indissoluveis!!?

Nunca! Una-se quem quizer: una-se quem sympathisar com esses meios, e com esses fins. Portugal... não!

(Continúa)

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

A amnistia concedida pelo imperador da Russia aos polacos foi recebida por estes com a maior indifferença.

Parce que o centro revolucionario annunciou que a revolução não depõe as armas até obter a independencia do paiz.

Julga-se que o motivo do armamento da Suecia é devido á guerra da Polonia, e á agitação que se nota nos estados limitrophes.

— Uma correspondencia de Napoles, de 4 do corrente, conta que uma força das partidas bourbonicas desceza até Castellamare, e que de Napoles se via com o auxilio do ardo o fogo entre ella e os piemontezes.

A rainha de Napoles regressa a Roma. De Pariz tinha partido grande numero de emigrados para a complimentarem na passagem por Lião.

Victor Manoel chegou a Florença onde foi recebido com as demonstrações do estylo.

Cracovia 13. — O Czar annuncia a prisão do seu redactor em chefe e do prior do convento do Carmo.

S. Petersburgo 18. — A amnistia concedida pelo Czar é dada aos polacos e aos russos insurgentes, com tanto que a aceitem até ao dia 1.^o de maio.

Paris 15. — Foram aprehendidos dois navios que se destinavam para os confederados.

Cracovia 14. O manifesto do Czar deu novo impulso á insurreição: reunem-se aos combatentes muitos voluntarios.

Madrid 19 de abril — ás 11 horas e 25 minutos da noite

Stockolmo 18 — Armamento geral. Está-se reparando o forte Carlensm.

Vera cruz 22 — Puebla foi atacada no dia 16. Ente a capital do Mexico e Puebla uma divisão franceza prepara-se para cortar a retirada aos maxicanos

Bombaim 27 de março — Nana-sahib foi preso em Assam.

SECÇÃO NOTICIOSA

Argumentos de truz. — Os sabios do Vimarannense, na dura collisão de satisfazer ao seu orgulho, e de responder alguma cousa, que não fossem disparates, optaram por o ridiculo de pedir ao sr. Augusto Soromenho que os viesse despicar e que os salvasse da irrisão e do escarneo, com que a opinião illustrada d'esta terra lhe recebo a negação, de que a lamina, que se guarda na sacristia da Collegiada fosse copia autentica do retrato da Virgem, original de S. Lucas, e vai sendo quando vem o sr. Soromenho, e diz, assim a modo de pedagogo auctorizado —

— O quadro não é copia do *sapposto* original de S. Lucas, porque o proprio dador d'elle o não diz. —

Sim sr., agora ficamos entendidos; pensavamos que uma prova negativa não podia destruir um testemunho affirmativo; mas enganamo-nos.

Agora, pela novissima hermeneutica do sr. Soromenho, ficamos sabendo e conhecendo toda a população de Guimarães, que os testemunhos affirmativos do padre Peixoto d'Azevedo, de Gaspar Estago, e do catholico dos Priores da Collegiada não valem nada, quando asseveram que Paio Domingues trouxera de Roma aquelle quadro, copia do original de S. Lucas; e a razão é porque elle o não diz, e devia-o dizer, embora podesse deixar de o dizer.

Isto é que se chama argumentar! o mais é historia.

Porque um o não diz, segue-se, que a cousa não é, embora outros o digam.

Ora srs. do *Vimaranense*, para isto] escusavam de cair no ridiculo de ir incommodar estranhos; podiam os srs. dizel-o, que lhes ficava melhor.

Estrada de Santo Thyrso a Guimarães. — Noticiamos em alvoroços de alegria, e com verdadeiro regosijo, que foi mandado abrir concurso para a construção do lançô da estrada de Santo Thyrso a Guimarães comprehendido entre aquella villa e a freguezia de Rebordões, na extensão de 4:600 metros.

A base da licitação é de 4:780\$000 rs.

O concurso deve ter logar perante o governo civil do Porto no dia 2 de Julho.

A portaria a este respeito vem no *Diario de Lisboa* de 3.^a feira.

Já era tempo de vermos concluida aquella estrada, cuja construção está principiada ha 46 annos.

Agora resta que se mandem construir os outros lançôs com a brevidade que réquerem os interesses das localidades.

Ultima recita. — A companhia Nacional que aqui tem funcionado, deu sexta feira a ultima recita, levando á scena o drama sacro — «Santo Antonio.»

A concorrência foi regular.

A companhia é incontestavelmente a melhor que aqui tem vindo, e parece-nos, que não deve ir descontente com o acolhimento que aqui teve.

Beneficio. — Foi quarta feira o beneficio da obra das torres da egreja do Campo da Feira.

Representou-se «O Veterano Matheus» — a canção — O Sebastianista — e a comédia — A Actriz.

A concorrência foi numerosa. O theatro estava litteralmente cheio.

A^a porta tocava a musica da cidade.

Necrologio. — Falleceu 4.^a feira o rd.^o sr. padre Antonio da Fonseca Guimarães.

Era um sacerdote exemplar, e d'um character honesto e honrado, pelo que tinha grangeado a geral estima de todos os que o conheciam.

Foi sepultado na 5.^a feira, na Egreja de S. Domingos, depois de lhe terem sido feitos pomposos officios.

Seja-nos licito a nós, amigos e collegas do finado, verter duas lagrimas de saudade sobre a sua campa, e rogar ao Eterno que leve para junto de si a sua alma.

Outro. — Falleceu no Algarve, provincia da sua naturalidade, o pai do ill.^o sr. Joaquim Albano de Freitas Corte Real, digno escrivão da fazenda d'esta comarca.

Sentimos amargamente esta dolorosa perda que acaba de soffrer o nosso amigo.

O anno dos 9 — Um calculista, a quem certamente não faltou tempo nem paciencia, fez os seguintes calculos, em rasão dos quaes propõe que o anno de 1863 seja denominado o anno dos 9:

Addicionando os dois primeiros algarismos do anno, 1 e 8, teremos o total 9; os dois ultimos algarismos, 6 e 3, dão o mesmo resultado; collocando os dois algarismos 1 — 8 por baixo de 6 — 3 e sommando-os, teremos 81, cujos algarismos reunidos produzem 9; subtrahindo, pelo contrario, 18 de 6, restam 45, cuja reunião dá 9; dividindo 63 por 18, o quociente é 3 e o resto 9; multiplicando os quatro algarismos 1 — 8 — 6 — 3 uns pelos outros, o resultado é 144, cujos tres algarismos sommados dão 9; addicionando os quatro algarismos 1 — 8 — 6 — 3, o total é 18, cujos dois termos reunidos dão 9; dividindo 1863 por 9; o quociente é 207, cujos algarismos sommam 9.

Estas combinações são infinitas, e não sabemos porque o auctor parou em tão bello caminho.

Casamento notavel. — Hoje (15), diz a «Gazeta de Portugal», depois das duas horas da tarde, celebrou-se na capella do palacio dos snrs. duques de Palmella, ao Rato, o casamento da snr.^a duqueza de Palmella com o sr. Luiz de Sampaio e Pina, ajudante de El-rei.

Pouco antes tinham chegado Sua Magestade El-Rei e a Rainha, que foram padrinhos, e quizeram singularmente honrar os illustres noivos com a sua presença n'esta cerimonia.

O segundo padrinho foi o sr. Marquez de Sousa Holstein.

A benção nupcial foi lançada por sua eminencia o sr. cardeal patriarcha.

El-Rei deu ao noivo, seu afilhado, a nomeação de duque, as insignias da gran-cruz da ordem da Conceição e dois affinetes de brilhantes de subido valor.

A Rainha offereceu á noiva a banda da real ordem de Santa Isabel e um riquissimo broche.

A capella do palacio, bem como as salas, estavam sumptuosamente decoradas.

A affluencia de convidados foi numerosissima. Entre elles contavam-se os snrs. ministros, marechal conde de Santa Maria, almirante Carvalho, ajudantes de El-rei D. Luiz e de El-rei D. Fernando, chefe de estado maior de marinha, commandante da companhia de guardas-marinhas, visconde da Praia Grande de Macau e ex-inspector do arsenal, Cardoso. E entre as senhoras via-se a snr.^a duqueza da Terceira.

Como é de uso quando El-rei assiste a qualquer funcção, havia ali uma guarda de honra do archeiros.

Suas magestades tomaram alguma refeição depois da cerimonia, e saíram por volta das tres horas.

No jardim do palacio tocava a musica do regimento de infantaria n.^o 16.

Esta cerimonia chamou a attenção de innumerous curiosos, que se agrupavam em frente da casa dos snrs. duques.

Parece que ao anoitecer os illustres noivos saíram para Cintra.

VARIEDADES

Curioso documento.

Uma folha hespanhiola dá a seguinte *Sentença de Poncio Pilatos contra Jesus Christo*, da qual se achou em 1580 uma cópia escripta em pergaminho na cidade de Aquila no reino de Nápoles, cuja cópia existia no archivo da real academia de historia de Madrid:

«No anno 19.^o de Tiberio Cesar, imperador romano, de todo o mundo monarcha invencivel, na olimpiada 122.^a e na illiada 24.^a, e na criação do mundo segundo o computo do hebreus quatro vezes mil cento e oitenta e sete, e da progenie do imperio romano

o anno 73.^o e do libertamento da servidão de Babilonia anno 1207; sendo governador da Judea Quinto Seryio, sob o regimen e governo da cidade de Jerusalem, presidente gratissimo Poncio Pilatos, regente da baixa Galilea Herodes Antipas, pontifice do summo sacerdocio Caiphás, Alis Almael Magni, do templo, Roban, Anachabel, Franchino Centaurio, consules romanos, e da cidade de Jerusalem Quinto Cornelio Sublima e Sexto Pompilio Rusto; no mez de março, no dia 25, En Poncio Pilatos, aqui presidente do imperio romano, d'entro do palacio da archi, residencia julgo, condemnado, e sentenciado á morte a Jesus, chamado pela plebe Christo Nazareno, e de patria galileo, homem sedicioso, da lei moisaica, contrario ao grande imperador Tiberio Cesar.

Determino e pronuncio por esta que sua morte seja em cruz, fixado com cravos, á usança dos réos, porque aqui congregando ricos e pobres e juntando muitos homens ricos e pobres não cessou de promover tumultos por toda a Judea, fazendo-se filho do Deus, rei de Israel, ameaçando-os da ruina de Jerusalem e do sacro templo, negando o tributo a Cesar, havendo tido o atrevimento de entrar com ramos e triumpho, e com parte da plebe dentro da cidade de Jerusalem no sacro templo. E mando que se leve pela cidade de Jerusalem ligado e agitado, e que seja vestido de purpura, e coroado de alguns espinhos, com a propria cruz aos hombros para que seja exemplo a todos os malfeitores; e com elle sejam levados dois ladrões homicidas, e sairão pela porta Jugarda, agora Anioniana, e que se leve a Jesus ao publico monte da justiça chamado Calvario, onde elle crucificado e morto, fique seu corpo na cruz como espectáculo a todos os malvados, e que seja posto sobre a cruz o titulo em tres linguas, hebraica, grega e latina — *Jesus Nazareno, Rex Judæorum*.

Mando igualmente que ninguem de qualquer estado e qualidade se atreva temerariamente a impedir tal justiça por meu mando, administrada e executada com todo o rigor, segundo os decretos e leis romana e hebreas, sob pena de rebellião ao imperio romano. — Testemunhas da nossa sentença. — Pelas doze tribus de Israel: Rabbaim Daniel, Rabbaim Joannan, Bonicar, Barbasu, Labi, Petaculani — Pelos phariseos: Bulia, Simeão Renor Rabbani, Monduani, Roucarfossi. — Pelos hebreus: Nitamberta. — Pelo imperio e presidente de Roma: Lucio Sextilio, Amassio Chilo.

AGRADECIMENTO.

Francisco do Valle Guimarães, da rua Nova do Muro d'esta cidade, e seus irmãos João Antonio do Valle e Manoel do Valle do lugar da Corredoura, freguezia de de S. Torquato, agradecem cordealmente a todos os ill.^{os} srs. que os obsequiaram por occasião do fallecimento do seu presado Pai, tanto na sua casa da Corredoura, como na d'esta cidade, e como tão reconhecidas provas de amizade sejam dignas do mais sincero testemunho de gratidão, a todos portestam por este meio o mais grato e eterno reconhecimento.

(15)

ANNUNCIOS.

O Presidente da direcção do Theatro de D. Affonso Henriques, d'esta cidade, convida a todos os ill.^{os} e ex.^{os} srs. accionistas para comparecerem na casa do mesmo theatro no dia 1.^o do futuro mez de Maio pelas 3 horas da tarde, para se proceder á nova eleição na conformidade do artigo 13 dos seus estatutos.

Guimarães 23 de Abril de 1863.

O Presidente

(42) Domingos de Souza Guedes Aguiar.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilha 1\$450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilha 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondências de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.